

MICHEL DE CERTEAU E A IMPLOÇÃO DO EDIFÍCIO HISTORIOGRÁFICO
Sander Cruz Castelo
(doutorando em Sociologia-UFC)

RESUMO

Este ensaio é um breve panorama da vida e obra de Michel de Certeau, com ênfase nas suas contribuições para a *Nova História Cultural*. Não obstante haver se privilegiado as obras do autor traduzidas no Brasil, procurou-se apresentar sumariamente o conteúdo de seus trabalhos ainda inéditos no país.

PALAVRAS-CHAVE

Michel de Certeau; teoria da história; Nova História Cultural.

“...the stars have their moment and then die...”

Nick Cave, em *The boatman's call*.

Michel de Certeau, intelectual francês com ampla erudição antropológica, linguística, historiográfica, psicanalítica e teológica, é um dos padrinhos da *Nova História Cultural*. Além de seguirem o programa de pesquisas do autor, conformados na “viragem antropológica” da História¹, os historiadores filiados a corrente aproveitaram suas vigorosas reflexões a respeito da epistemologia da História.

Nascido em Chambéry no ano de 1925, Certeau envereda pela Filosofia e pelos Estudos Clássicos nas universidades de Grenoble, Paris e Lyon. Nesta última cidade, ingressa em 1950 no seminário, de onde sai ordenado jesuíta seis anos depois. Seu plano inicial de missionar na China fora abandonado. Ajuda a fundar, todavia, a revista *Christus*, a que devotará muita energia. Em 1960, ano em que se doutora em Teologia na Sorbonne, traduz e comenta o *Mémorial du Bienheureux Pierre Favre*², o co-fundador da Companhia de Jesus. Três anos depois, edita e apresenta o *Guide spirituel pour la perfection*³ de Jean-Joseph Surin (1600-1665), o exorcista jesuíta objeto de sua tese, cujo papel nos eventos em torno das possessões demoníacas em Loudun, entre 1634 e 1637, ajudará Certeau a entender como a perda do poder monolítico da Igreja católica na modernidade, via reforma protestante, racionalismo e ascensão do Estado, suscitara a emergência de diversas heresias, como feitiçarias e bruxarias.

O autor construía naquele momento os cânones da *Nova História cultural* popularizada pela terceira geração dos *Annales* na década seguinte, cujo viés

qualitativo, seja antropológico, narrativo ou político, confrontará o enfoque quantitativo da história das mentalidades então vigente, por meio da exteriorização de comportamentos desviantes, ou seja, da visibilidade do “outro”⁴ que as generalizantes narrativas modernas teimavam em suprimir. Era o caso da segunda geração dos *Annales*, que, sob a batuta de Fernand Braudel, salientava mais o dado geográfico e demográfico do que o cultural.

No ano de 1966, Certeau torna pública a *Correspondência de J. J. Surin*⁵, o exorcista de quem se desconfiava da sanidade. Dois anos antes, havia se juntado aos fundadores da Escola Freudiana de Lacan.

Em 1968, o autor redige uma série de artigos para a imprensa sobre os significados dos eventos de maio que o torna famoso, dado o equilíbrio e lucidez de suas observações, que se alocavam no ponto médio do radicalismo de Sartre e do conservadorismo de Adorno. Enfeixados num volume de título *La prise de parole*⁶, neles, surpreso, Certeau tentava entender aquele momento de bruscas transformações e radicalidade, em que o ideário civilizatório, carreado pela segunda modernidade, era colocado sob suspeita. Afastando-se de seus trabalhos iniciais sobre a ação da Companhia da Jesus, o escritor não abandonava, porém, sua inquirição do que havia sido sufocado pela modernidade⁷. Nesse ano, talvez pela projeção atingida através dos seus artigos na imprensa, passa a ensinar no departamento de Etnologia da Universidade de Paris VIII, fruto direto da reformulação do ensino universitário decorrente da rebelião estudantil, permanecendo ali até 1971.

No ano seguinte, traz a lume *L'Étranger ou l'union dans la différence*⁸. O cristão seria como o “estrangeiro”, o qual não se pode possuir mas sem o qual inexistiria experiência religiosa.

Em 1970, ele apresenta o dossiê da possessão de Loudun⁹. Vale notar que, paralelamente a esse trabalho de exegese do misticismo seiscentista bretão iniciado na década anterior, outro historiador, Carlo Ginzburg, escavava fenômenos semelhantes ocorridos na Itália rural do século XVI e XVII, entre camponeses de Friulli acusados de feitiçaria¹⁰.

Essas pesquisas acerca do misticismo frustram o desejo do jesuíta de restabelecer a verdade do passado. *L'absence de l'histoire*¹¹, publicado em 1973, ressuma o convencimento de que o discurso histórico é fundado na “ausência” e na “alteridade” inescapável do passado. Desde 1971, ensina na Universidade de Paris VII, de onde sairá somente em 1978.

Em 1974, publica *A cultura no plural*¹² Coletânea de relatórios escritos para o Colóquio Internacional de Arc-et-Senans, preparatório à definição de uma política cultural para o Velho Mundo, e que visava restabelecer a legitimidade dos Estados europeus, neles se discutia a necessidade de reformulação do conceito de “cultura” com a eclosão do maio de 68.

A contracultura representaria uma reação à tecnocratização e hegemonia do capital no mundo ocidental. Auxiliado por Herbert Marcuse, o papa da juventude rebelada, o autor avalia o projeto da modernidade, hercúleo, de unificar o mundo sobre os ditames do capitalismo, gerador da “tirania burocrática”. Não obstante, ao contrário do primeiro, Certeau não cria que o lumpemproletariado e os artistas, os canais por onde fluiria a “Grande Recusa”, fossem incólumes ao capitalismo. Na verdade, como era de se esperar, suas bandeiras teriam mudado de mãos, ou melhor, seus desejos haviam sido cooptados. Negando-se a situar a resistência em algum lugar, seja na economia ou na psicologia, em Marx ou Freud, na revolução política ou cultural, Certeau prefere distinguir “na diversidade dos sinais o símbolo de um movimento geral e, portanto, o indício de uma reorganização a ser feita”. Reconhece, nesse sentido, a reapropriação que o receptor faz da cultura de massa, mediante a “bricolagem”, desconstrução operada a partir dos artefatos da civilização industrial. Ademais, desconstrói o conceito de “cultura popular”, invenção justamente daqueles conservadores que a reprimiram nos oitocentos, como aristocratas, chefes de polícia e abades. Não mais ameaçadora, morta, empalhada e embelezada, por via do exotismo e do folclore, serviria na atualidade ao “populismo” da esquerda.

O maio de 68 mostrara a falência da sociedade de consumo do segundo pós-guerra. Unicamente estimulando a germinação de “culturas” evitar-se-ia a anomia social. Esta não interessava aos “menos favorecidos”, somente ao “terrorismo de uma elite” cuja adesão festiva à violência sofria da imprudência dos que não atinavam para a “repressão” e o “fascismo” subseqüentes. Era hora de restabelecer a “autoridade”, a que se demandava não somente “ordem”, mas “convicção” da sociedade: “Uma verdade sem sociedade é apenas um engodo. Uma sociedade sem verdade é apenas uma tirania”. O interessante é que Certeau não faz uma crítica externa, ancorado numa pretensa autoridade da academia para criticar o poder. Ao contrário, situa-a como sustentáculo do mesmo. Em decorrência, caberia ao cientista social reconhecer o “lugar” de onde emite seu discurso, quase sempre elitista e monolítico, para, a partir daí, dialogar com o “Outro”, aquele que não escreve ou não se autoriza falar, ou seja, o “homem comum”.

Ainda em 1974, sai, em colaboração com Jean-Marie Domenach, *Le christianisme éclaté*¹³, diagnóstico sobre as veredas trilhadas pelo cristianismo após o Concílio Vaticano II (1962-1965), quais sejam, a “secularização” e o “carismatismo”.

Em 1975, Certeau lança dois livros. Com Jacques Revel e Dominique Julia, publica *Une politique de la langue: la révolution française et les patois*¹⁴. Os autores analisam na obra as tentativas do Estado revolucionário francês de uniformizar a língua pátria, mediante as pesquisas dos dialetos locais encaminhadas pelo abade Gregoire. Cabe ressaltar aqui o apreço do autor para com a produção intelectual coletiva. Trabalhando frequentemente, na universidade ou no governo, com equipes formadas por jovens pesquisadores recém-formados, Certeau atestava que o conhecimento se gerava do trabalho aberto e dialogal, em que a crítica rigorosa e a humildade intelectual conferem a tônica. Os que com ele trabalharam testemunham sua profunda modéstia e gentileza, que não abafavam o agudo senso crítico e a assombrosa lucidez. Além disso, a produção coletiva desvelava o mito da autoria, erigido pela burguesia oitocentista, e o qual vários autores se compraziam em fazer notar.

O outro livro publicado em 1975 é *A escrita da história*¹⁵. Obra clássica de teoria da História, obrigatória a todo aquele que se aventura nos terrenos da musa Clio, ela coloca na berlinda o fazer historiográfico. Tematizando questões como a das relações de poder presentes na aferição de cientificidade à História, Certeau acaba por relativizar até o pretense revolucionarismo da historiografia marxista.

O autor, no prefácio, afirma que a historiografia francesa moderna é “burguesa” e “racionalista”. Nascida do projeto civilizatório de uma classe, a burguesia, que, no seu afã de progresso, teria, parafraseando Walter Benjamim, produzido “barbárie”, ela exerceria a função de legitimar essa dominação, justificando os desígnios da nova classe hegemônica: à medida que esta avançava destruindo o antigo, a História recolhia os despojos. O “outro” seria o fantasma da historiografia. A despeito disso, refletindo sobre a fabricação da História, estudiosos como Michel Foucault¹⁶, Paul Veyne¹⁷ e Serge Moscovici¹⁸ estariam finalmente remetendo as “idéias” aos “lugares”, permitindo que se descortinasse a “operação historiográfica”. Esta se delinearía na interface entre “um lugar social”, “uma prática” e “uma escrita”. Quanto ao primeiro:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. (...) É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses,

que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam.¹⁹

A história seria também uma “prática”, haja vista que de

resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo de geleiras e das “neves eternas”, o historiador *faz outra coisa*: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem.²⁰

No que concerne à “escrita”, a história não se faria sem “representação”:

Não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber. Ainda é necessário que exista aí “representação”. O espaço de uma figuração deve ser composto. (...) resta encarar a operação que faz passar da prática investigadora à escrita.²¹

Esse trabalho, a render frutos na história cultural, produzira uma inflexão de três ordens na produção historiográfica: a busca pelo “desvio” e pela “exceção”, ao invés do “sentido” e do “real”; a alocação dos limites do pensável no “particular”, não no regular; e a representação do passado como “diferença”, nunca como “referência”.

Não surpreende, por conseguinte, o apreço que tinha pela teoria da refutabilidade de Karl Popper. Para Certeau, somente teorias e métodos falíveis podiam fazer emergir o saber, cabendo ao estudioso explorar os interstícios do objeto caso queira escapar à tautologia.

Nos anos de 1977 e 1978 ensina na Universidade de Genebra, na condição de professor convidado. Em 1978, o autor desloca-se a Califórnia para lecionar na Universidade de San Diego, onde se torna professor titular.

Em 1980, Certeau publiciza os dois volumes de *A invenção do cotidiano*, produtos de estudos encomendados pelo governo francês relativos a políticas culturais. No primeiro, *Artes de fazer*²², chamando a atenção para a criatividade do homem comum no trato com a cultura de massa, Certeau supera as teorizações estruturalistas. Indo além das “tecnologias de poder” tratadas por Michel Foucault e das “estratégias” deslindadas por Pierre Bourdieu, o autor inverte o foco, centrando-o nas “táticas” dos destinatários do poder.²³ Formulando uma teoria das práticas cotidianas, salientando as apropriações e usos diversos que os consumidores fazem dos produtos e das normas, Certeau demonstra que o consumo ou a recepção é um ato de produção. Outros autores, além dos dois supracitados, são influências marcantes no livro: Freud, com sua noção de “homem ordinário”, sua atenção à “vida cotidiana” e aos “lapsos”; Wittgenstein, a partir

de seus estudos da “linguagem ordinária”, em que se visibiliza o poder de transgressão dos trocadilhos e de outras inversões lingüísticas, isto é, da oralidade; Lévi-Strauss, com a noção de “bricolagem”; Marcel Datienne e Jean-Pierre Vernant, pelas “astúcias da inteligência” analisadas entre os gregos; entre outros pensadores listados por Luce Giard na apresentação da obra.

Certeau situa nas origens da modernidade o anseio ocidental por conquista, mediante uma racionalidade superlativa, hábil em formatar, recortar e enquadrar os espaços. Para ele, o resultado disso é que tudo que não servisse ao lucro deveria ser extirpado, esquecido, sombreado. A Ciência, incluindo a História, seria um dos instrumentos da burguesia nesse intento. Ademais, a “economia escriturística”, eminentemente “capitalista e conquistadora”, desempenharia funções vitais nesse projeto, ao reservar à burguesia o poder de “fazer a história” e, por conseguinte, condenar à morte o mundo da tradição. Daí Nietzsche poder dizer que “Deus está morto”. Para o autor, unicamente potencializando a “cultura ordinária” poder-se-ia fazer frente à tecnocracia.

O segundo volume, dividido entre Luce Giard e Pierre Mayol, sob a direção do mestre, subintitula-se *Morar, cozinhar*²⁴. Aqui, mediante duas pesquisas empíricas, aplicam-se os procedimentos teóricos e metodológicos discutidos no livro anterior. Ao passo que Mayol devassa a sociabilidade de um antigo bairro operário, o Crois-Rousse, através do estudo de caso de três gerações de uma família, Giard tematiza o cotidiano de uma mulher idosa no espaço da cozinha. Certeau abre, entremeia e fecha os relatos das investigações.

Os autores se empenham em provar que a sociedade de consumo do 2º pós-guerra não obteve dissipar os saberes e fazeres tradicionais. Mayol, de um lado, revela que as antigas práticas operárias sobreviviam, adaptadas aos novos tempos, na periferia parisiense. Ainda que a especulação imobiliária e o grande comércio tivessem alterado o cotidiano dos bairros operários em Paris, os moradores teriam apropriado as transformações de acordo com seus interesses. Giard, de outro lado, mostra a riqueza e complexidade de conhecimentos que se embutem por detrás da aparente monotonia e repetição das atividades em uma cozinha (mas também fora: basta atinar para o volume de informações demandados a quem efetua as compras de casa). Nesse sentido, as cozinhas modernas, a despeito de submeterem as usuárias a toda uma série de determinações tecnológicas, conformadas nos eletrodomésticos, nas matérias-primas empregadas e na exigüidade do tempo, não conseguiriam anular a sua criatividade.

Em 1982, Certeau retoma seus estudos sobre a mística cristã com *La fable mystique: XVI^e et XVII^e siècle*²⁵. Bosch, Mestre Eckhart e Teresa D'Ávila são alguns dos personagens do livro. No ano seguinte, junto a Luce Giard, aprofunda os estudos de recepção criativa dos meios de comunicação, em *L'Ordinaire de la communication*²⁶. Em 1984, volta à Paris para ocupar o cargo de diretor de estudos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Falece de câncer dois anos depois.

Postumamente, saem ainda de sua lavra três livros, dois lançados em 1987 e um em 1991. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*²⁷ aloca a história no ponto médio entre a ciência e a retórica. Gerada da ruptura com o Mito, a História não se teria livrado completamente dele. Quanto a Psicanálise, a História se assemelharia a ela por operar através de deslocamentos, mas se distinguiriam pelo fato de não ser suficiente à segunda a reprodução da memória. No mesmo ano de 1987 sai *La faiblesse de croire*²⁸, reunindo escritos acerca da lógica das crenças redigidos nos últimos vinte anos de vida do autor.

Para o católico Certeau, como para o judeu Benjamin, o que importava era o invisível, o não aparente, o misterioso, o indecifrável, aquilo se mostra à luz somente por instantes, para depois desaparecer na escuridão. Ao tempo que Certeau procurava por meio de “sinais” e “encantamentos” camadas de tradições submergidas pela modernidade, Benjamin as observava de relance mediante “centelhas” e “iluminações”. Céticos quanto à dessacralização do mundo na modernidade, apurada por Weber, cientes, com Nietzsche, de que ela desemboca no niilismo e no terror totalitário, eles vivificaram, presentificaram, atualizaram a tradição. Conscientes de que a História, onde impera a escrita, é escrava do progresso e do poder burguês e tecnocrático, avizinham-se da Antropologia, mais dada à multiplicidade dos símbolos. Instigando a sensibilidade do leitor, fazendo-o operar com os cinco sentidos, tornando-o ciente da subjetividade do saber, eles nos convidam para a errância, a caminhada sem sentido, atenta à paisagem circundante e desprovida do receio da parada circunstancial, motivada pelas surpresas com que se depara na trajetória. Alertando-nos, contudo, que a melancolia e o lirismo²⁹ são os estados de espírito que o mundo exige aos que sondam o seu mistério.

NOTAS

- ¹Sobre o termo, ver: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa na historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991, pp. 94-100.
- ²DE CERTEAU, Michel (org). *Mémorial du Bienheureux Pierre Favre*. Paris: Desclée de Brouwer, 1960.
- ³DE CERTEAU, Michel (org). *Guide spirituel pour la perfection*. Paris: Desclée de Brouwer, Paris, 1963.
- ⁴Acredito que essa busca pelo “outro” adveio não somente da quebra paradigmática promovida pelo maio de 68, com sua crítica ao projeto moderno, mas igualmente deve ser remetida à guinada progressista da Igreja Católica com o papado de João XXIII, afeito às questões sociais e crítico do liberalismo econômico. Não podemos também deixar de mencionar a crise vivenciada pelos partidos comunistas a partir do XX Congresso do PC da URSS, quando se evidenciou o totalitarismo do regime stalinista, feito de burocratização e servidão da população. Diante do fato, e do imobilismo da guerra fria, a esquerda ocidental reviu sua relação com as camadas populares, havendo então um refluxo do leninismo, com seu dirigismo e desprezo das tradições populares, e uma progressiva valorização do marxismo cultural de pensadores como Antonio Gramsci e Walter Benjamin, que atinavam para o revolucionarismo latente no cotidiano popular. Isto é, o fracasso do vanguardismo político os levou a buscar entender aquele por quem se lutava, o “povo”.
- ⁵DE CERTEAU, Michel (org). *La Correspondance de Jean-Joseph Surin*. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.
- ⁶DE CERTEAU, Michel. *La Prise de parole*. Paris: Desclée de Brouwer, 1968.
- ⁷Essa busca pelos saberes reprimidos pelo racionalismo moderno, arrogantemente tomados como “irracionais”, marcará os trabalhos da *Nova História Cultural*.
- ⁸DE CERTEAU, Michel. *L'Étranger ou l'union dans la différence*. Paris: Desclée de Brouwer, 1969.
- ⁹DE CERTEAU, Michel (org). *La possession de Loudun*. Paris: Gallimard, 1970.
- ¹⁰GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçeiros e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (edição original: 1966). Tal como Ginszburg, seguindo Bakhtin, Certeau despreza as antinomias “cultura erudita/cultura popular”, “elite/povo”, “classe dominante/classe dominada”. O autor italiano cunha, nesse sentido, o conceito de “circularidade cultural”. Ademais, essa posição auxilia a entender a recusa do autor francês do conceito de “resistência”.
- ¹¹DE CERTEAU, Michel. *L'absence de l'histoire*. Paris: Mame, 1973.
- ¹²DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- ¹³DE CERTEAU, Michel e DOMENACH, Jean-Marie. *Le christianisme éclaté*. Paris: Seuil, 1974.
- ¹⁴DE CERTEAU, Michel; JULIA, Dominique et REVEL, Jacques. *Une Politique de la langue: la Révolution française et les patois - l'enquête de Grégoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- ¹⁵DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ¹⁶FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (edição original: 1968)
- ¹⁷VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: UnB, 1998. (edição original: 1971)
- ¹⁸MOSCOVICI, Serge. *Essai sur l'histoire humaine de la nature*. Paris: Flammarion, 1968.
- ¹⁹DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Op. Cit, p. 67. Dosse nota que Certeau, a despeito de escapar ao sociologismo, filia-se ao marxismo quando “privilegia a inscrição material, institucional e sociológica da história...”. DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 200.
- ²⁰*Ibidem*, p. 79.
- ²¹*Ibidem*, p. 93-94.
- ²²DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ²³“Estratégia” é o “cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. (...) postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc). “Tática”, por seu lado, “é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.” *Ibidem*, p.99-100.
- ²⁴DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

-
- ²⁵DE CERTEAU, Michel. *La Fable mystique: XVI^e et XVII^e siècle*. Paris: Gallimard, 1982.
- ²⁶DE CERTEAU, Michel et GIARD, Luce. *L'Ordinaire de la communication*. Paris: Dalloz, 1983.
- ²⁷DE CERTEAU, Michel. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987.
- ²⁸DE CERTEAU, Michel. *La faiblesse de croire*. Paris: Seuil, 1987.
- ²⁹BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.